

## Resenha

FELIX, Isabel Aparecida. (Org.). **Teologias com Sabor de Mangostão**. São Bernardo do Campo/SP: Nhanduti Editora, 2009. 223 p.

*Valéria Cristina Vilhena*<sup>1</sup>

Lieve Troch, em sua brilhante carreira acadêmica como teóloga e cientista da religião instruiu, ensinou, difundiu, orientou, mas, sobretudo em sua experiência nos trabalhos pastorais, desenvolveu o seu fazer teológico, a partir, da experiência do cotidiano de homens e mulheres, que à margem das sociedades e das religiões, viviam suas vidas de forma injusta, desigual e até desumana, encontraram configurações criativas para uma vida de transformações das relações desiguais que vivenciavam. É no silêncio dos padecentes que Lieve tece a sua rede teológica de solidariedade a partir de novas hermenêuticas. É um novo retorno a antigos textos capazes de resignificar modos de vidas até então desgraçados. Nesse contexto, amigas e amigos de Lieve Troch, ensaiam essa linda e profunda homenagem para dizer-lhe o quanto foram tocadas e assim sente-se agraciadas por poder compartilhar, trocar, e iluminar não somente os seus, mas também outros caminhos.

As/os autoras/es seguindo propostas teológicas de Lieve e outras(os) teólogas(os) descrevem, como um mosaico, que é na visu-

---

<sup>1</sup> Valéria Cristina Vilhena é mestra em Ciências da Religião, pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e doutoranda do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Educação, História da Cultura e Artes, da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Contato: [valeriaegustavo@gmail.com](mailto:valeriaegustavo@gmail.com)

alização e questionamento da construção da “centralidade de sujeitos brancos e ocidentais nos discursos teológicos” (Troch: 17) que se percebe a unicidade dos discursos de poder.

O texto de Felipe Fanuel, afirma que “O fazer teológico deve começar no ouvir vozes não ouvidas, histórias não contadas, teologias não conhecidas” (p.34). Ele apresenta aos leitores a teologia feminista como uma possível resposta, a partir do dia-a-dia, como eco das exigências das grandes transformações que o mundo tem exigido ao que tange na busca de mais igualdade, justiça e paz para os povos. Essa possibilidade se dá quando o fazer teológico se coloca como um contínuo processo de desconstrução e reconstrução para a libertação de pessoas que sofrem injustiças. É a análise da realidade e dos conceitos até agora imputados como legítimos. O autor interpõe que se a teologia cristã tem falhado em ouvir, então por certo pouco ficou das palavras de Jesus: “ Pois eu tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber; eu era estrangeiro e não me aconselhastes; estava nu e não me vestistes; doente e na prisão, e não me visitastes” (Mateus 25,42 - Bíblia Tradução Ecumênica) (p. 36), e conclui expondo que toda transcendência está carregada de imanência, mesmo quando as instituições religiosas tomam para si a validação da revelação. Ao contrário, as experiências, as vozes, os gritos de quem vive o dia-a-dia é a fonte da teologia feminista para a construção do sagrado e a desconstrução da “revelação que tem sinônimo de poder” legitimador de injustiças (p. 37).

Maria José Rosado dialogando em homenagem à Lieve, de forma indagadora dilata suas indagações: “O que temem as autoridades religiosas?! Por que o pensamento livre e criativo é uma ameaça?! (...) o que as religiões fizeram e fazem com as mulheres?! Com a vida das pessoas? Com seus corpos, controlados por rígidas normas morais? (p. 47) E retomando seu texto escrito e não publicado, por ocasião da escolha do Cardeal Ratzinger como Papa, rememora mulheres ‘fortes e transgressoras’, que no decorrer da história desafiaram o poder romano: como as abadesas do mosteiro medieval de Conversano, ao sul da Itália, que foram tidas como usurpadoras por manterem sua autoridade religiosa por cinco séculos e meio. Catarina de Serra; Isabel em Minas Gerais, no Brasil; Sor Juana de La Cruz, ‘outras Joanas’ além das incansáveis e ‘invisíveis’ leigas e freiras que sempre vislumbraram a liberdade.

A terceira reflexão dita sobre “Profetisas: onde estão elas?”, de Lucia Weiler, é a contraposição da ordem masculina das profecias bíblicas. Portanto, é indicada uma releitura bíblica, a partir da hermenêutica da suspeita, como um exercício possível. A chave hermenêutica feminista que leva sempre ou parte sempre do cotidiano: “São sentinelas (Ezequiel 3,17) da fidelidade do povo à aliança de seu Deus. Ora, tal fidelidade passa pelo atendimento às necessidades dos mais desvalidos, órfãos, viúvas, estrangeiros e escravos” (p. 55). Muitas pessoas de movimentos populares proféticos, entre eles o das mulheres, que suas histórias não foram contadas, mas que em vários momentos de graves ameaças do povo se levantam como líderes e sábios. E ao contrário dos profetas clássicos, os profetas e profetisas são pessoas “livres que não dependem de concessões, nem do poder do rei, nem do clero, mas acreditam na vida e no poder da vida.” (p. 56) Ao mesmo tempo em que os textos bíblicos ocultam e silenciam a existência de mulheres profetisas, explicitam-nas como: Hulda, Débora, Miriam, a Mulher de Isaías, Ana, e Noadias. Mulheres corajosas, ousadas, articuladoras ‘fogo saindo das cinzas’ como tantas outras mulheres invisibilizadas, com tal poder criativo, com tenacidade profética de resistência e esperança numa dimensão comunitária.

Passeando sobre a teia relacional de sua própria vivência, como coreano no Brasil, e de tantos outros imigrantes, Jung Mo Sung, desvenda a temática da (dês)identidade cultural expondo a ‘dessintonia entre a percepção corporal e a experiência grupal’ uma espécie de repelência. É a fronteira transgredida; os mundos culturais em choque, em crise, o sentimento de estranhamento, que sempre fará o indivíduo sentir-se pertencer a ‘lugar algum’ (p. 66). Esse sentimento gera por parte do estrangeiro a reafirmação da cultura de origem com a afirmativa de superioridade, como uma válvula de escape que causa um isolamento social, bem como o choque de gerações com seus descendentes: “No fundo, há certa vergonha de ser diferente e/ou medo de ser ridicularizado ou não compreendido. Vergonha e medo que fazem brotar um sentimento de culpa, culpa por sentir vergonha da sua família, da sua cultura e do seu modo de ser” (p. 70). Pondera o autor, que nesses lugares híbridos é necessário um amadurecimento pessoal e comunitário para compreender que é possível superar e/ou minimizar as diferenças culturais, melhorando o convívio de todas e todos.

A tarefa colocada por Maria Sandra dos Santos, *Ouvir Vozes e Lembrar a Resistência*, apresenta um sonho de liberdade e paz nutrido por homens e mulheres, que através de suas religiões de raízes africanas, se fizeram resistentes às diversas opressões sofridas. A partir da fundação do candomblé da Barroquinha entre 1788/1830, acobertado pelos adeptos e adeptas da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Martírios – que auferiam várias formas oficializadas de delegações de poderes e funções políticas e sociais para o crescimento/fortalecimento do culto aos orixás, foram principalmente mulheres, já que o sacerdócio era reservado às mulheres que governavam o terreiro da Barroquinha, que por projetos, também políticos, se organizaram na clandestinidade recriando uma religião aonde são as mulheres as mantenedoras da tradição, ligando “pessoas de diferentes procedências, línguas, visão de mundo e filosofia de culto”, além do sistema de parentesco como uma importante referência de unicidade de africanos diante da ruína social promovida pelo tráfico negreiro; “uma grande família” de traços e feições em favor da solidariedade/irmandade para a própria sobrevivência.

Mercedes de Budallés Diez apresenta na perícopie de Josué 2,1-24 Raab, mulher “zonah” – prostituta, que segundo o tecido social da época se identifica com muitas “zonah” de hoje. Tem como ela o poder da cidade, bem como do seu próprio corpo. Como uma mulher autônoma ela recebe, hospeda, escuta recados do rei, toma iniciativa, mente, esconde, ordena, ajuda os espiões a fugir, assume a aliança-juramento (p. 85,86) e, por fim a autora indaga quem é essa mulher? É uma traidora ou heroína? A partir de novos eixos hermenêuticos vai desvelando-se uma mulher forte, que supera fronteiras e constroem pontes, passagens, novas possibilidades para o novo acontecer.

“Seres iluminados” estão sujeitos a discriminações e preconceitos? Uma tradição religiosa que possui, como uma de suas máximas, o não fazer o mal, de fazer o bem a todos os seres, possuiria ou estaria reproduzindo uma mancha histórica de discriminação cruel? A Monja Zen Budista Coen expõe a importância do retorno aos textos sagrados de Buda, escritos há mais de dois mil e quinhentos anos, por seus discípulos, para elucidar a menção dos não-humanos, que seria o referente aos intocáveis, aos párias do sistema de castas da Índia. Coen ocupada

em contextualizar e aclarar os sutras e os preceitos de Xaquiamuni, o fundador histórico do budismo, que viveu na Índia há mais de dois mil e quinhentos anos (p. 94), a partir da sua tradição Soto Shu, um trabalho árduo se fez para resgatar contextos sócio-culturais e reconhecer que *sim* homens iluminados também são frutos da construção social de seu povo, mas igualmente capazes de transformá-lo em novos conceitos de compreensão inclusiva, como no exemplo da aceitação de Mahaprajapati Daiocho, a grande mestre, primeira monja histórica, tia de Sidarta Gautama, aquela que criou o primeiro Buda, com ele se encantou, desejou segui-lo, e no leito de morte foi por ele acompanhada.

No texto de Arianne van Andel, numa reflexão teológica, avalia o papel dos sentimentos, especificamente, o sentimento de raiva nos processos de resistência. Um sentimento ambíguo inclusive para a tradição cristã. Segundo essa tradição a raiva poderia ser consentida por motivos justos e avaliada como “santa indignação”, que foi mais tarde recuperada com motivação de resistência e utilizada pela Teologia da Libertação como reflexo de via de YHWH (p. 105), como valor ético que aponta para mudanças necessárias. Mas as amarguras e tensões que geram a raiva podem repercutir na eficácia dos movimentos sociais. Então como ‘passos de cura’ a autora compartilha a partir da hermenêutica da raiva possibilidades de canalizar tal sentimento frente às injustiças para o renascimento da esperança.

O olhar crítico reflexivo de Diego Irarrazaval, sobre a Interculturalidade e Teologia, corrobora com confiança na possibilidade de que “a humanidade continuará reconhecendo o presente do amor divino, do qual nem uma religião pode se apropriar” (p. 125), quando nos aproximamos do tema “cultura”. Daí a importância da reflexão teológica também sob o mesmo tema porque a mesma pode se dar de forma interativa: “É válido prestar atenção a processos globais e locais entre culturas; o trabalho científico retoma a complexidade histórica” (p.115). A reflexão teológica não é para fazer teologia “da cultura”, mas para possibilitar na interação harmônica, já que: “Afirmar a identidade não implica em eliminar a outreidade” (p.117), antes serve para constatar e reconhecer sinais de ausência e sinais de presença de Deus no afã humano de ser feliz, pois assim se impede o monoculturalismo e também se evitam os fundamentalismos.

José María Vigil, em *Espiritualidade da Militância*, apresenta-nos as transformações globais, sejam elas epistemológicas ou axiológicas como uma transformação/evolução da cultura e do ser humano. Tal transformação afeta também a mentalidade religiosa, logo não cabe mais nesse atual mundo uma forma de pensar chauvinista, etnocêntrica, patrioteira, centrada na própria etnia ou cultura pensada como as melhores (p. 128). A militância pluralista, dada como uma experiência espiritual é a propagação dessa nova visão de mundo pelos meios possíveis, tais como a educação formal ou informal, educação popular, geração de opinião pública, conscientização popular e etc., enfim é uma ‘militância libertadora’.

Como uma linha do tempo o teólogo Tissa Balasuriya, traça, historicamente, o caminho da igreja atravessando séculos ‘com sua missão de civilizar e salvar o resto do mundo’ negligenciando a mensagem central do amor de Deus (p. 139). Durante os três primeiros séculos como assegura o autor, os cristãos cresceram em toda a região do Mediterrâneo e a partir da conversão de Constantino em 312, tornaram-se a maioria do Império Romano. A igreja católica, portanto, atravessa do século V até o final do século 15 influenciando toda a Europa Ocidental. Os povos europeus sob as vistas da igreja cometeram o maior genocídio da história humana (acompanhado da escravidão dos negros, Américas e da Oceania), além do reforço da desigualdade entre homens e mulheres e “(...) até os tempos recentes, a Igreja tem sido favorável ao colonialismo euro-(norte) americano incluindo a escravidão e a supressão dos povos indígenas e de suas religiões e culturas.” (p.138) Transformação na igreja é urgente, necessário se faz saber que ‘Deus pode conduzir pessoas ao bem e à salvação também por meio de outras religiões, e que isso acontece pelos caminhos conhecidos apenas ao Espírito Divino’ para que se promova paz e justiça na Terra (p. 141).

A unicidade de cada religião é responsável pela pluralidade religiosa, mas essa unicidade não pode impor-se como superioridade, nessa temática o teólogo Aloysius Pieris desenvolve “Uma Cristologia da Libertação do Pluralismo Religioso”. Nesse artigo o autor propõe uma “Cristologia da Aliança” como alternativa à cristologia tradicional tendo como base dois mandamentos: amar a Deus e amar ao próximo, é a combinação de dois imperativos, o da fidelidade ao que funda a unici-

dade cristã e o da fidedignidade para com toda a outreidade. É um desafio a todo teólogo e teóloga do mundo todo, mas uma vez compreendido gera contribuição para o diálogo interreligioso. Jesus como a defesa e aliança de Deus com os pobres (p. 157) que rechaça a conversão do culto a Mamon, Deus como parceiro da luta contra a plutocracia que fabrica a escassez e sofrimento no mundo que foi destinado por Deus a ser um paraíso de plenitude e de prazer (p. 155) e esses são os fundamentos da Cristologia da Libertação e do Pluralismo Religioso.

Qual o futuro do Ecumenismo? Jude Lal Fernando dentre tantos outros questionamentos nos desafia com essa indagação diante das novas tensões geradas no âmbito das igrejas – teria futuro o Ecumenismo? Seu artigo “A crise de identidade e de Unidade rumo a uma ética ecumênica”, nos faz deparar com a banalização da fé pela secularização rebaixando-a a uma, dentre tantas, opções de vida, bem como as múltiplas teologias radicais que prejudica o diálogo ecumênico. Como uma ponte possível, a Hermenêutica, para compreender e dar sentido a fé, como afirma o autor: “para compreender temos que interpretar” (p. 164) é oferecida e comprometida com a histórica social, cultural e literária de um povo somada com quem interpreta, o método e a teoria, logo, passamos a compreender que o laborar da teologia ecumênica “é uma tarefa hermenêutica” (p. 164).

Com o intuito de desvendar como as mulheres asiáticas, muito mais do que outros cidadãos, são discriminadas e empobrecidas pelos padrões globais modernos, Gemma Tulud Cruz, reflete as diversas formas de resistências diante de tanta opressão e sofrimento. Em seu artigo: Viver em meio à morte: uma releitura de transcritos escondidos de mulheres asiáticas, a autora demonstra as estratégias, que à primeira vista, podem parecer negativas, mas que antes cooperam em favor da resistência como armas poderosíssimas. Citando James Scott que nomeia essas estratégias de “transcritos escondidos”, Gemma apresenta as ações anônimas, ambíguas e codificadas nos boatos, fofocas, contos, piadas, canções, isto é, em tudo aquilo que não é o ‘oficial’, público, dominante (p. 180), antes está essas ações de mulheres à margem como uma ‘política do disfarce’. O silêncio; o humor e o riso sobre si mesmas – a auto-caricatura contra as vicissitudes da solidão, alienação e sofrimento; as histórias, canções, danças expressando e nomeando injusti-

ças, são enfim apontamentos para soluções. É a reconsideração de que a única vertente ou explicação para tais ações sejam a de acomodação; antes são também “contribuições valiosas para a luta de mulheres por libertação” (p. 187).

Um eixo norteador nos é apresentado por Elisabeth Schussler Fiorenza em seu artigo: Rumo a uma Espiritualidade Sapiencial Feminista de Justiça e Bem Estar, o da sabedoria/Sabedoria. Ao focar a sabedoria/Sabedoria, humana ou divina, como horizonte para uma espiritualidade feminista que nos encaminha à luta por libertação, contrapondo-se a espiritualidade banalizada de objetivos mercadológicos, Fiorenza citando Nelle Morton, afirma que a Sabedoria feminista é anterior à Palavra, porque “Na bíblia, os termos “Espírito” (*ruah*) – “Presença” (*Shekhinah*) – “Sabedoria” (*hokmah*) são todos gramaticalmente femininos” (p. 193) e esses termos são utilizados na bíblia hebraica como presença salvífica de Deus. Ao contrário na teologia tradicional concentrou-se no Espírito que em latim é gramaticalmente masculino. Portanto a teologia feminista redescobre a figura feminina da Sabedoria divina *Sophia* (em grego), e em latim Sapiencia, que a imagem da espiritualidade do divino feminino. Uma fonte de linguagem feminina de Deus, que alimenta uma espiritualidade de luta que se sobrepõe àquela espiritualidade tradicional individualista, privatizada. “Uma espiritualidade feminista Sapiencial de justiça redescobriu Jesus como o profeta de Sofia-Sabedoria que foi executado como o Cristo, justificado por Deus como Vivente e que sempre está a nossa frente” (p. 206). Nessa espiritualidade deve sempre inspirar-se a ekklesia de mulheres na luta por justiça.

Por fim, “O paradoxo mariano: práticas marianas como um caminho para uma nova mariologia?” fecha Ensaio em Homenagem a Lieve Troch. Maake de Haardt, teóloga sistemática, sugere, embora a sua ambiguidade e complexidade, que a teologia feminista tenha um olhar mais atencioso a mariologia, numa perspectiva da desmistificação divina representada por Maria como o divino introduzido no cotidiano dando força, consolo, referencial para a vulnerabilidade humana como o desejo da libertação de sofrimento e dor. O ponto de vista da autora é a chamada do princípio do poder social transformador da religião. São as práticas devocionais marianas em si como manifestação/reclamação contra uma cultura ocidental.